

Jucutuquara, o bairro onde o tradicional é a inovação

A19513

Texto Cloves Geraldo

Fotos: Joaquim Nunes

Jucutuquara é um dos bairros tradicionais de Vitória. Sua marca principal é, ao contrário dos centros populacionais onde o conservadorismo predomina, introduzir inovações que o tornam pioneiro em quase todos os campos sociais. Ali se desenvolve uma vida noturna sem grandes atropelos para a juventude, que frequenta seus barzinhos até alta madrugada, coisa que só o centro oferece. Além disso,

tem a primeira estrada pavimentada no país, a primeira farmácia a funcionar dia e noite num bairro, o primeiro mercado próprio, décadas antes do Horto-Mercado, entre outras coisas. Nesta reportagem traçamos um perfil do bairro desde o seu primeiro núcleo a fazenda Romão (e não o Solar Monjardim que veio depois) até os dias atuais.

Jucutuquara significa pássaro de buraco de pedra. Perde-se na contagem dos séculos a época em que os índios tupis, talvez amedrontados com alguma ave gigantesca batizaram o estranho ser de Jucu-Ita-quera. Este escondia-se num dos dois buracos profundos do pico que se abrem na metade de sua altura, na face leste. Com o passar dos tempos a lenda foi esquecida e o nome que era da ave transferiu-se para o pico de 296 metros de altura.

Dependendo do lado e de quem olha, o pico pode assumir outras formas e mudar de nome. Jucutuquara é também Ytcutuquara (pronuncia-se Riticutuquara), que significa "conchas suspensas, condizentes com a forma e a colocação dos buracos. Pela mesma razão, o vulgo passou a denominá-la de Pedra dos Olhos batizada pela própria natureza", diz Adelpho Monjardim, em *Vitória Física*, livro editado pela Revista Canaan Editora, em 1950.

RAÍZES DO BAIRRO

As mutações linguísticas cuidaram de fazer valer sua corrutela na linguagem popular e ele se tornou Jucutuquara, o bairro espanizado entre seus congêneres; Forte São João, Ilha de Santa Maria, Maruípe, Fradinhos e as encostas da elevação de cujo pico leva o nome. Um nome que é dele apenas, pois o pico é hoje conhecido pelo povo como pico dos Dois Olhos.

Mas no século XIX, um nobre holandês, Maximiliano Wied Neuwied, príncipe precursor dos atuais brazilianistas, daqueles que cruzavam terras inóspitas para descobrir espécimes raras e raças diferentes, veio a descrever o núcleo inicial do bairro Jucutuquara, em seu livro *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*.

Wied-Neuwied começa por encantar-se com o cimento da Penha, as árvores, as flores, as ilhas, terminando por confundir a baía de Vitória com um rio caudaloso, ao qual chamou: rio Espírito Santo. Mas deixemo-lo narrar as suas descobertas: "Seguíamos para Pedra d'água, solitária sem a elevação à margem do rio, com o fim de transportar as nossas quatro montarias e dois burros de carga através do rio Espírito Santo.

"Frente a nós, no topo da serra situada da outra banda, vimos o notável rochedo de Jucutuquara, situado não longe da Vila Vitória. Parecido com o "Dent de Jaman do Pays de Vaud", chama a atenção de longe; está colocado em tranquilas e verdejantes encostas, parcialmente vestidas de pequenas matas. Diante dele, mais perto do

mento entre o coronel José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim, com Anna Luzia, filha de Francisco Pinto Homem de Azevedo. O coronel, durante o movimento de 1842, chefiado pelo padre Diogo Feijó e o senador Nicolau Vergueiro, era o governador da província, e convidou os revolucionários presos, devido ao fracasso de sua revolta, a passar no solar Monjardim seu período de liberdade condicional.

REMINISCÊNCIAS JUVENIS

São estes os fatos históricos ocorridos no bairro Jucutuquara. Na República Velha (1889 e 1930) ele já era bem povoado. Luiz Serafim Derenzi, em *Biografia de Uma Ilha* conta como era o bairro no princípio do século. "Conheci Jucutuquara em 1909. Morei em pequena casa de telha pintada de cor de rosa, única no morro fronteiro ao estádio. Era aluno do professor Arnulfo Matos, na escola-modelo. Para encurtar caminho, eu passava pelos Fradinhos, subia a vertente dos bastos e descia para a Fonte Frande. O trajeto principal era em mata, com grande cópia de caixas e taboas.

"Na atual praça Asdrúbal Soares havia um barracão, construído de pedra e coberto de zinco. Nele, o Carvalhinho, tirador de paralelepípedos, tinha um botequim. Era o ponto da seção dos bondes. Para a esquerda se vê um montículo de pedra, resíduo em meio ao mangue, visível na gravura do príncipe de Neuwied.

"Começa então o pomar do Barão, que o córrego serpejava. Mangueiras, fruta-pão, cajueiros, coqueiros, jaqueiras e laranjeiras. A estrada, hoje rua Jucutuquara, tortuosa em meio a grandes blocos de granito, dividia-se em dois ramos: a esquerda para Fradinhos, para a direita, vencendo o riacho, com ponte de madeira sobre os pedregos da fracassada Estrada de Ferro Vitória a Peçanha, atingia-se a Passagem (ponte da) por caminho linceiro com as propriedades do Figueiredo, do Barão, e de Maruípe.

"As marés de março transpunham a estrada da Praia. As enchentes do Jucutuquara, por sua vez, causavam surpresas desagradáveis. A reta, que demanda à Praia, trecho da avenida Vitória, chamou-se "Reta do Cruzamento, porque nela cruzavam os bondes e as locomotivas se abasteciam de água".

RETA DO CONSTANTINO

Nestas recordações vale a pena entregar de novo a palavra a Derenzi. "Denominava-

1942), cujo nome seria dado ao estádio.

Os clubes daqueles anos eram, além dele, Rio Branco, o Vitória, o América, o Uruguaiano, o Floriano e o Santo Antônio, dos quais sobreviveram apenas os dois primeiros e o último. Chegava-se ao seu campo de bonde, para assistir às partidas entre times cujos jogadores vestiam calções até os tornozelos, camisas em cores berrantes, e trazendo na cabeça indefectíveis górrons herdados das equipes inglesas.

CRIANDO O BAIRRO

Até então o bairro era constituído de casas dispersas com o mangue dominando largas faixas de terra. Este era o quadro da cidade no início do século, segundo Derenzi: "Vitória pertence ao tipo, que os urbanistas modernos denominam de cidade linear, unindo gânglios atrofiados entre o mar e as montanhas. Excluindo-se a praia-Comprida, todo o resto da cidade se estende em pequenos galgos de aterro recente: Santo Antônio, Caratoira, Moscoso, Sete de Setembro e Jucutuquara.

"São aterrados seminaturais, conquistados às marinhas quaternárias, dificultando as construções e os melhoramentos de alçada do poder público. Para se levar benefícios a cada bairro percorre-se longos vazios de habitantes, encarecendo, portanto, o custo unitário dos serviços em mira. Os morros, de encostas íngremes, revestidos, em parte, de vegetação alta, não haviam sido invadidos de todo".

Sentindo o crescimento da cidade, o governador Nestor Gomes (1920 a 1924) começou por desapropriar os terrenos do barão, construiu, segundo Derenzi, as estradas Fradinhos e Maruípe, canalizou o córrego e aterrou grande parte da área de Jucutuquara. Florentino Avidos (1924 a 1928) toma posse, termina a terraplenagem, constrói a avenida 15 de Novembro, hoje Paulino Muller. Neste mesmo período Carlos Justiniano de Matos com ajuda da comunidade jucutuquarense edifica a igreja São Sebastião.

VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

O governador Florentino Avidos muda a face do bairro Jucutuquara, da cidade, do Estado, dando-lhes nova forma, com construções modernas. "A valorização — recorremos de novo a Derenzi — imobiliária de Vitória, mormente da zona comercial, teve, de fato origem na administração Avidos. O preço dos imóveis elevou-se fe-



(2) Vista parcial do bairro. No lado esquerdo está o Estádio Governador Bley, do direito vê-se a avenida Paulino Muller que estende-se até o mar. Ao fundo Instituto de Readaptação Jair Etlene Dessaune, localizado em Pedra D'Água, na Glória.

fazendo conviver a miséria com a vida menos apertada (sic), deu-se igualmente com o comportamento dos moradores. Estes desde 1949 têm, ao contrário dos outros bairros, o primeiro mercado construído fora do centro da cidade, o mercado São Sebastião, de estilo curioso, pois assemelha-se a sua entrada à de um cemitério, localizado na Praça Asdrúbal Soares.

Isto dá vida própria ao bairro onde nasceram o cronista do *Jornal do Brasil*, autor do livro *Terror e Êxtase*, José Carlos "Carlinhos" de Oliveira, o tricampeão de futebol, no México, Fontana, jogador do Vasco e do Cruzeiro, de Belo Horizonte. Luiz Derenzi diz em seu livro *Biografia de Uma Ilha* que seus benfeitores são o Barão de Monjardim, Lizandro Nicoletti, o implantador da indústria têxtil no Espírito Santo, Agenor Santos, o China, benemérito do Rio Branco Futebol Clube.

Nos anos 30, 40 e 50 eram poucas as famílias que não dispunham de um rádio Piloto para ouvir seus programas favoritos nas rádios Mayrink Veiga, Tupi e Nacional. A sensação era os programas de calouro ao vivo animados por Renato Murce, da rádio Nacional, espécie de rede Globo atual, e precursor de Silvio Santos e Chacrinha. Um antigo morador de Jucutuquara detestava o concorrente de Murce, um animador prepotente que humilhava os calouros, perguntando-lhes: "Você sabe de quem é essa música?". O calouro relutava e ele desancava-o: "É de Ary Barroso". Este não era ninguém mais que o próprio animador, Ary Barroso, autor de *Aquarela do Brasil*.

BOA NOITE AZÉDO

As donas de casa ficavam carregando seus rádios de um lado para o outro ouvindo o *Direito de Nascer*, com o jovem Paulo Gracindo interpretando o médico Albertinho Limonta. À noite todos mudavam de estação para ouvir o *Boa Noite para Você*, de Carlos Frias, da rádio Tupi. "Era muito bom, o homem dava uma boa noite com sentimento mesmo" — enfatiza o entrevistado. Esse mesmo dia, morador de Jucutu-

quara Maruípe-Fradinhos, passando pela Paulino Muller (lado direito, sentido Maruípe). No lado esquerdo transitavam carroças e os poucos veículos existentes na época.

No meio havia a célebre vala que canalizava as águas dos morros e os esgotos das residências. O cearense de Fortaleza, Lourial Nepomuceno da Silva, comerciante, 42 anos, três filhos, há 20 anos em Jucutuquara, comenta: "Naquele tempo não tinha asfalto, mas tinha vala, não tinha ônibus, mas tinha bonde". A vala hoje está canalizada. Sobre ela reina o asfalto. Naquele tempo havia muitas enchentes — indaga o repórter? "Encher, enchia, mas depois que fizeram as comportas enche muito mais. Naquela época só enchia a vala e as ruas, hoje enche a vala, as ruas e as casas" — responde.

Ao instalar seu bar junto ao Estádio Governador Bley, não esperava que, 12 anos depois, em 1972, o Rio Branco vendesse o campo para a Escola Técnica Federal do Espírito Santo. Nos dias de jogo os carros invadiam calçadas, a avenida Alberto Torres, onde se localiza, as ruas transversais. Vinham times de São Paulo e Rio de Janeiro jogar com o Rio Branco, entre eles o Santos de Pelé.

JOGO DO BINGO

Porém o pitoresco corria por conta do *Jogo do bingo* aos sábados e domingos pela manhã. Era promovido por diversas pessoas, entre políticos e empresários. Começou em 23 de maio de 1963, crepúsculo do Governo João Goulart. Os interessados compravam uma cartela por Cr\$ 30,00 antigos e acompanhavam pelo serviço de auto-falante o sorteio, marcando-a. Os carros eram entregues logo após o encerramento do sorteio com alguns tumultos. A entrega cabia ao governador Francisco Lacerda de Aguiar. Dois anos após a tomada do poder pelo Movimento de 64, encerrava-se o jogo do bingo.

sugere o nome, mas um conjunto mais único ou pelo menos o mais conhecido do bairro. Os moradores têm ainda como nativa o Clube do Rio Branco, localizado em Monte Belo, bairro próximo a Jucutuquara.

Além disso, no campo da cultura, a opção é visitar o Museu Solar Monjardim, oficializado como museu a partir de 1º de agosto de 1980. Sua arquitetura rural foi restaurada. Em sua volta existem inúmeras mangueiras e chega-se até ao um caminho de terra coberto de pó de terra. E em sua frente estão dois canhões, grande e um pequeno.

Lá estão expostas à visitação diversas peças pertencentes ao mobiliário de estilo variado, como duas camas D. Mesas D., João V, cadeiras, Luiz XV, decoração em guirlanda, vidros e cerâmicas, porcelanas e estatuetas, etc. Este Museu pertenceu à família Monjardim, que no solar sucessivamente desde o barão Adelpho Monjardim de Andrade Almeida.

MUSEU MONJARDIM

Diz o folheto de apresentação do Museu Solar Monjardim que no governo José Santos Neves os descendentes do barão alugaram o solar para o Estado transferido em museu Capixaba. Em 1966 foi transferido para a Universidade Federal do Espírito Santo — Ufes — os acervos do Museu Capixaba e Museu de Arte Sacra, que, um único, dando-lhes o nome de Museu de Arte e História.

Após vários processos de desapropriação que duraram de 1966 a 1978, o imóvel tombado pelo Iphan — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo passado por uma restauração, reaberto pela Ufes. Em 1980 através de convênio firmado entre a Ufes e o Iphan, o Museu Solar Monjardim, que faz parte do Grupo IV das Unidades Museológicas, finalmente, tem determinada sua abertura e funcionamento.

Sua manutenção é feita pelo Iphan.

"Frente a nós, no topo da serra situada da outra banda, vimos o notável rochedo de Jucutuquara, situado não longe da Vila Vitória. Parecido com o "Dent de Jaman do Pays de Vaud", chama a atenção de longe; está colocado em tranquilas e verdejantes encostas, parcialmente vestidas de pequenas matas. Diante dele, mais perto do rio, fica a aprazível fazenda "Rumão", em frente da qual a Ilha das Pombas ergue-se sobre a superfície espelhante do rio (o grifo é do repórter)

MARCO INICIAL

Este é o marco inicial do bairro Jucutuquara descrito por um nobre que deixou também sua impressão de Vitória com suas casas em estilo português: palcos e rótulas de madeira. Ele só não disse que existiam também moradias construídas de taipa cobertas de sapé ou de palha de pindoba. Porém esclareceu que na última metade do século XVII a região do Espírito Santo não continha mais que 500 portugueses e quatro aldeias indígenas.

A agricultura movia a economia da incipiente vila. Em Jucutuquara um braço de mar misturava-se até a confluência dos rios Fradinhos e Maruípe. Nos vales, as culturas eram de algodão e cana-de-açúcar. Os portugueses são obrigados na nova terra a se habitarem a uma nova dieta à base de mandioca utilíssima (mandioca) em lugar do pão.

Com o tempo, o sítio do Rumão cercado de árvores frutíferas iria ganhar um vizinho com a construção da fazenda Jucutuquara pelo capitão-mor Francisco Pinto Homem de Azevedo. O naturalista francês Saint-Hilaire, em 1818, visitou-a para credenciar-se junto ao capitão-mor para executar seus trabalhos. Sua fama ultrapassava as divisas da província e os mandatários portugueses iriam transformá-la em refúgio para seus dissidentes.

Nestas alturas a fazenda Jucutuquara já pertencia aos Monjardim devido ao casa-

"Reta do Cruzamento, porque nela cruzavam os bondes e as locomotivas se abasteciam de água".

RETA DO CONSTANTINO

Nestas recordações vale a pena entregar de novo a palavra a Derenzi. "Denominava-se Reta do Constantino por se iniciar na sombra do botiquim do Constantino. Foi a primeira estrada para a Praia, projetada e construída parcialmente por Saturnino de Brito. Jerônimo Monteiro levantou-lhe o nível acima da influência das marés. Nestor Gomes alargou-a. Florentino Avidos macadamizou-a (impedira com macadame ou seja com pedra e salbro — NR —) Aristeu Aguiar fez-lhe o pavimento em concreto armado, com 1.800 metros de comprimento. Foi a primeira tentativa de pavimentação em concreto armado, no Brasil (grifo do repórter).

"Seu construtor foi Serafim Derenzi, inaugurada em 1930. Em 1949, Carlos Lindenberg mandou alargá-la, sendo os trabalhos concluídos pelo governador Santos Neves, em 1954. O asfaltamento foi executado pelo D.E.R. do Estado, sob a chefia do autor destas notas, o mesmo que em 1937, quando diretor de Obras da prefeitura propôs substituir os nomes, sem significado, de rua S. João, Reta do Romão, Reta do Constantino, pelo único de avenida Vitória".

RIO BRANCO

Regressemos ao princípio do século. Em 1913, um grupo de amantes do futebol fundou aquele que seria o clube máximo de Jucutuquara. Seu estádio era de madeira e cercado de zinco. Durante a ditadura Vargas (1937 a 1945), ele iria transformar-se no terceiro estádio do Brasil, ao ser ampliado por seu presidente, o general Carlos Marciano Medeiros, época em que o interventor no Estado era o governador Bley (1930 a

O governador Florentino Avidos muda a face do bairro Jucutuquara, da cidade, do Estado, dando-lhes nova forma, com construções modernas. "A valorização — recorremos de novo a Derenzi — imobiliária de Vitória, mormente da zona comercial, teve, de fato, origem na administração Avidos. O preço dos imóveis elevou-se fenômeno que não ocorrera desde 1910. As casas residenciais pouca elevação tiveram.

"O governo construiu bairros inteiros para venda a longo prazo. O preço do m² oscilava entre 250 e 300 mil réis. Foi o valor de venda dos grupos construídos nas chácaras do Molundu. "Vintem" (Zona da rua Graciano Neves) e Jucutuquara. Porém, houve uma espécie de estabilização de preço, para casas residenciais. Em Vitória toda a crise acarretava baixa nos bens imobiliários".

Assim é que em sua mensagem firmou Florentino Avidos, depois de construir os primeiros conjuntos habitacionais de Vitória, em Jucutuquara, na avenida 15 de novembro, ruas Augusto Calmon, Amâncio Pereira, Barão de Aimorés e Aristides Guarani, diria, encerrando o seu governo, que "ficou formado, desde 1924, o bairro de Jucutuquara".

OS ANOS SEGUINTE

A ocupação dos morros com seus barcos de taboa pintados de cal verde, azul e rosa, vem desde o princípio do século. Nos últimos anos, com o crescimento da migração, os barracos proliferaram. As subidas por escadarias de cimento íngremes, as moradias construídas sobre pedras, o mato ocupando largos espaços, traçam o perfil da pobreza de um bairro que torna-se a cada dia com a edificação de sobrados e casas estilo colonial, que invadem também os morros, num sentido de bem viver adverso dos menos favorecidos, exclusivamente classe média.

Essa transformação do perfil do bairro

seus rádios de um lado para o outro ouvindo o Direto de Nascer, com o jovem Paulo Graçano interpretando o médico Albertinho Limonta. À noite todos mudavam de estação para ouvir o "Boa Noite para Você, de Carlos Frias, da rádio Tupi, "Era muito bom, o homem dava uma boa noite com sentimento mesmo" — enfatiza o entrevistado. Esse namoro dos moradores de Jucutuquara com o homem que lhes dava um "Boa Noite" comovente terminaria num "Boa Noite Azêdo.

Corria os anos 50, a campanha política para a sucessão do marechal Eurico Dutra acirrava-se. O brigadeiro Cordeiro de Faria, candidato da UDN, concorrendo com Getúlio Vargas, que voltava à política, após seu recolhimento em São Borja, Rio Grande do Sul, vem com sua caravana visitar Vitória e passa por Jucutuquara. Seu locutor oficial era Carlos Frias, do "Boa Noite para Você". A população recebe o brigadeiro, candidato pela segunda vez à presidência da República, com uma saraivada de ovo podre.

A suavidade de Carlos Frias se transformaria num torpedo contra os moradores de Jucutuquara. Não diria nada menos que "Boa noite povo do buraco sujo!". Foi a sua vingança pela recepção que deram os moradores ao seu candidato (de Frias) à presidência. Conta-se que em certa época o bairro imperava de tal modo em Jucutuquara que o pessoal só permitia que as mulheres namorassem só com gente do bairro, quem viesse de fora encontrar-se com uma delas, apanhava.

BONDE E VALA

Aqueles eram tempos que o "Cine Trianon, fechado há alguns anos, era a coqueluche da juventude. Foi lá que o público assistiu, em Vitória, o primeiro filme pelo sistema 3ª Dimensão; Museu de Cêra, com Vicent Price, e os jovens fizeram fila para entrar no embalo de Billy Hailey e seus Cometas. Era também o tempo em que o bonde tinha seu ponto final no entron-

te e acompanhavam pelo serviço de auto-falante o sorteio, marcando-a. Os carros eram entregues logo após o encerramento do sorteio com alguns tumultos. A entrega cabia ao governador Francisco Lacerda de Aguiar. Dois anos após a tomada do poder pelo Movimento de 64, encerrava-se o jogo do bingo.

Mas o jogo populista estendia-se ainda às campanhas beneficentes de Natal. Durante a gestão de diversos governadores foram distribuídos cartões para as famílias de baixa renda que iam buscá-los no Palácio Anchieta. Estas, uma semana antes do Natal, acorriam ao estádio com os cartões para receberem arroz, feijão, farinha, açúcar, entregues pelo governador e primeira dama.

O Natal dos Pobres como era chamado tinha movimento intenso. Formavam-se longas filas desde o estádio até a avenida Vitória onde dobrava. Muita gente chegava de madrugada para esperar os porções do campo abrir. Num desses natais a multidão arrombou-os e os benesses de fim-de-ano transformaram-se em tragédia.

VIDA NOTURNA

Em Jucutuquara as noites são curtidas como em qualquer capital do país. Os barzinhos deram ao bairro um ambiente descontraído e vida noturna própria. Seus frequentadores são os jovens. E ao contrário do centro da cidade, que morre depois das 23 horas, é costume vê-los abertos nos fins-de-semana até as duas da manhã. A vida noturna em Jucutuquara, pelo contrário, mostrando a quebra de tabus por seus moradores, não é nova, remonta à década de 50 (ver depoimento de um entrevistado).

As noites no bairro não ficam reduzidas aos barzinhos da avenida Paulino Muller, estendem-se ao Clube Anchieta. Ali os animadores são os integrantes do Batucada do Unidos de Jucutuquara, que não é um bloco carnavalesco ou escola de samba, como

trímio Histórico. Artístico Nacional, tendo passado por uma restauração, reaberto pela Ufes. Em 1980 através de um convênio firmado entre a Ufes e o Instituto Museu Solar Monjardim, que faz parte do Grupo IV das Unidades Museológicas, o último, tem determinada sua abertura e funcionamento.

Sua manutenção é feita pela Fundação Nacional Pró-Memória, que do-lhes cerca de três milhões de cruzeiros anuais, ou Cr\$ 250 mil cruzeiros mensais para pagamento de salário de dois técnicos, dois funcionários administrativos, dois visitantes, cinco estagiários, além de outras despesas.

PICO FREI LEOPARDO

A última atração do bairro Jucutuquara, muito pouco explorada em termos turísticos, é o pico do qual herdou o nome. Ele teve, ao longo dos séculos vários nomes. O segundo deles corre por conta da lenda. Conta-se que um exilado espanhol, de nome João de Leão, teria se escondido em uma de suas encostas, afim de não ser descoberto, daí o nome de pico João de Leão.

Mas é o terceiro que os compêndios de geografia tornaram oficial. Antepelo Monjardim, em seu já citado livro, contesta a denominação, indagando: "Por que Leopoldo? Extravagância de cartógrafo ou simples erro de grafia (ele se refere à denominação Pico Frei Leopoldo, NR) Dois nomes de pontos suldeste lembra um frade embaixo. Visto das bandas do sul assemelha-se ao Leopardo sentado sobre os quatro traseiros, emprestando-lhe os gravatás a pigmentação do corpo".

O quarto e último nome deste pico que reina sobre Maruípe, Fradinhos e Jucutuquara é pico de Dois Olhos, um apelido dado pelo povo, hoje o único que o identifica, não prevalecendo nem o nome dado pelos geógrafos, nem o dado pelos tupis, chamavam-no Jucu-Itaquera.

Hoje, a expansão comercial

Em 1978, 4.600 veículos por hora movimentavam-se pela avenida Vitória. É por ela que fluem automóveis, ônibus e caminhões que se dirigem aos bairros adjacentes, às cidades do interior, e ao complexo de Tubarão (usina e porto).

Nos últimos 10 anos começaram a proliferar, ao longo dela, lojas de peças de veículos, de móveis, farmácia, oficinas de consertos, garagens, postos de serviços, lojas de material de construção, depósitos, serralherias, agências, concessionárias de veículos, um cotonifício, a Secretaria de Educação e Cultura, a Fundação João dos Santos Neves, a Polícia Federal e a Escola Técnica Federal do Espírito Santo.

Mas o comércio concentra-se também na avenida Paulino Muller oferecendo serviço médico em clínicas particulares. Supermercado da Cobal, pequenos bares, padarias, farmácias, pequenas lojas, barbearias, banca de jornal, botique. E ainda a delegacia do IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal —. Na praça Asdrubal Soares está a primeira farmácia a ficar de plantão dia e noite num bairro de Vitória, além de bares, barbearia, o mercado São Sebastião, uma banca de jornal.

FALTAM ESCOLAS

Porém, o bairro não tem escolas de 1º e

2º grau, só duas escolinhas infantis particulares, cuja mensalidade numa delas é de Cr\$ 1.650,00 mensais. Os escolares estudam em Fradinhos, Maruípe Forte São João e Ilha de Santa Maria. E também na Escola Técnica Federal do Espírito Santo, que em 1972 comprou do Rio Branco Futebol Clube seu estádio localizado numa área de 17.479,74 m², por Cr\$ 3.577.450,00. Hoje a área da escola é de 41.528,43 m².

A Escola Técnica Federal, criada pelo presidente Nilo Peçanha (decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909), com as demais existentes no país, começou a funcionar em 24 de fevereiro de 1910, na avenida presidente Pedreira, Parque Moscoso. Chamava-se Escola de Aprendizes Artífices do Espírito Santo. Em 1942 com o nome mudado para Escola Técnica de Vitória (antes chamou-se também Liceu Industrial de Vitória) transferiu-se para a avenida Vitória, esquina com a Alberto Torres.

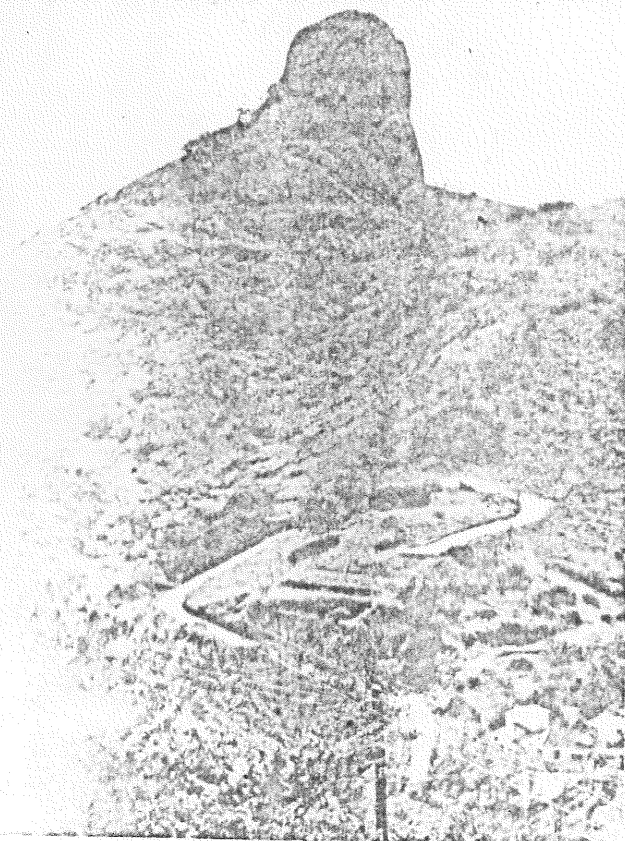
Em 1965, passou a chamar-se Escola Técnica Federal do Espírito Santo. Atualmente lá estudam 2.983 alunos. Os cursos oferecidos são: cursos regulares (agrimensura, edificação, eletrotécnica, estrada, mecânica, e metalúrgica, cursos especiais (eletrotécnica e mecânica para os alunos que já têm o 1º grau); e cursos de inter-

complementaridade (auxiliar técnico de eletricidade e auxiliar técnico de mecânica para quem está cursando o 2º grau).

O ex-campo do Rio Branco Futebol Clube está sofrendo uma reforma para a construção de pistas de salto com vara, em distância e triplo, lançamento de disco, arremesso de peso e de dardo, salto em altura e ainda uma pista com cinco raias. O estádio nos dias em que não há atividades da escola é cedido a comunidade e entidades esportivas. A escola está dotada também de quatro quadras esportivas (duas de vôlei e basquete e duas de futebol de salão e handebol) e uma piscina semi-olímpica com vestiários.

DEFICIÊNCIAS DO BAIRRO

Um estudo realizado pelo Governo do Estado, em 1978, para o Plano Diretor Urbano de Vitória (Documento de Trabalho nº 5 — Jucutuquara, Maruípe, Praia do Canto — Julho 78) revelou que bairros como Jucutuquara precisavam de melhoria das ligações viárias intra-setoriais, preservação da encosta do maciço central, controle de adensamento, da abertura de vias e da cobertura vegetal nas encostas dos morros, esgotamento sanitário e pluvial, recreações e espaços livres, áreas ocupadas pelos conjuntos de habitações de baixa renda (favelas).



Pico de Jucutuquara: os geógrafos chamam-no pico Frei Leopardo, o povo de pico de Dois Olhos. Prevalece este último nome. Ele, apesar de sua importância turística, permanece inexplorado.



Museu Monjardim: Com o desaparecimento da fazenda do Romão tornou-se o núcleo principal do bairro e seu marco inicial.